

Pedras sobre Sarney^{sem}

O senador José Sarney teve mais uma vez sua candidatura a vice-presidente da República exposta a reações. Dessa vez, entre alguns membros respeitáveis da Frente Liberal, como o grave senador Luiz Cavalcante. A contestação ao nome do ex-presidente do PDS, que foi superada no PMDB e nas Oposições, ganhou, assim, os arraiais da Frente Liberal.

Salvo algumas exceções honrosas, o movimento é suspeito, revelando, tal a sistemática distribuição de matérias pelos diferentes jornais, que existe uma articulação de verdadeiro lobby. Alguns dos mais respeitáveis integrantes da Frente já identificaram a cabeça desse lobby em São Paulo, mais precisamente na pessoa do super-secretário de Franco Montoro, Roberto Gusmão. Interessado em favorecer um empresário paulista, que tanto poderia ser Olavo Setúbal quanto Abílio Diniz, da cadeia de supermercados Jumbo ou Pão-de-Açúcar.

O curioso é que se atiram pedras sobre a cabeça do senador Sarney que poderiam atingir muitas outras cabeças da dissidência, incluindo alguns dos mais destacados autores, e beneficiários da manobra. Sarney serviu ao regime militar, como deste se serviram alguns dos mais importantes empresários brasileiros hoje resolvidos a conquistar para um deles a candidatura a vice de Tancredo.

Em favor do ex-presidente do PDS pode-se invocar não apenas uma linha de constante compromisso com as idéias democráticas, como um consciente engajamento humanístico através da sua carreira de jornalista e intelectual. Discordamos de Sarney em diversas oportunidades, achamos que ele terá cometido os seus erros, mas não consideramos justo que, neste momento, levantem-se restrições que poderão atingir, até com mais propriedade, muitos dos que agora lhe atiram pedras.

Político sempre eleito pelo povo, no início de sua carreira parlamentar, o Senador maranhense comprometeu-se com movimentos progressistas no Congresso, antes de 1964, o que lhe valeu a permanente suspeição do regime, quando não uma reserva evidente. Ex-integrante da "Bossa-Nova" da UDN, o jovem deputado Sarney engajou-se nos movimentos em favor das causas mais progressistas.

Após 64, foi um dos últimos governadores eleitos pelo voto popular e há fatos comprovadores de que não se portou como um drácula ansioso pelo sangue dos

inocentes, quando tinha o arbítrio dos atos institucionais, já então dominantes. Evitou deliberadamente punir com base nos atos de exceção, quando governador do Maranhão, conforme o atestam até mesmo alguns dos seus mais rancorosos adversários.

Outro dado relevante pode ser invocado em favor do senador José Sarney. Foi o seu gesto de renúncia à presidência do PDS, que colheu de surpresa até alguns dos seus amigos íntimos, que gerou a dissidência da Frente Liberal ou, pelo menos, deu-lhe uma amplitude que antes não tinha. Além do evidente interesse jornalístico que a renúncia despertou, ela provocou uma crise tão grave no interior do partido, que lhe tirou a chance de eleger o novo presidente.

Sem Sarney, a Frente poderia existir, é verdade, mas sem a expressão que ganhou com a sua e a renúncia do senador Jorge Bornhausen, seu substituto imediato. O gesto espetacular cavou uma vala na qual mergulhou o PDS para não mais sair. Muitos dos que hoje atacam o ex-presidente do PDS se beneficiaram, muito mais do que ele, do regime implantado em março de 1964, através dos grandes negócios que têm. São dissidentes que ainda estão no cofre do regime. O que importa é que Sarney confere importância política à chapa encabeçada pelo governador Tancredo Neves, pela sua evidente representatividade. Os que atiram pedras contra ele e também atingem o próprio Tancredo, esquecem-se de que a chapa em formação destina-se a operar um governo de transição do arbítrio para a democracia, prescindindo da autenticidade ideológica que muitos reclamam, de vários pontos do campo.

MAL-ESTAR

A visita do governador Tancredo Neves a São Paulo, antontem, provocou mal-estar entre os parlamentares do PMDB de São Paulo. Critica-se o fato de o Governador ter visitado um único jornal — a **Folha de S. Paulo** — e ficado fora do alcance dos políticos, enquanto seu **escort** era o empresário Abílio Diniz (leia-se Supermercado Pão-de-Açúcar).

Deputados federais e estaduais ficaram mais irritados quando foram confinados no salão nobre do Palácio Bandeirantes, enquanto Tancredo fechava-se no gabinete de Montoro, longe do alcance de todos.

TARCISIO HOLANDA